

7 de setembro: o que vem por aí?

» JOSÉ PASTORE

Professor da Universidade de São Paulo e membro da Academia Paulista de Letras. É presidente do Conselho de Emprego e Relações do Trabalho da Fecomercio-SP

Sinceramente, não esperava ver tanta energia concentrada em temas que nada têm a ver com os principais problemas do nosso povo. Numa hora de tanta aflição de curto prazo, devido à covid-19, e da necessidade de decisões importantíssimas para atender o longo prazo, estou apreensivo com manifestações programadas para celebrar os quase 200 anos da nossa independência.

A apreensão aumenta ao saber que a Justiça de São Paulo considerou apropriado ter um movimento na Avenida Paulista e outro, contrário, no Vale do Anhangabaú, na mesma hora, e sob o argumento de que são locais distantes um do outro — 3.500 metros! É um verdadeiro convite ao acirramento dos espíritos. Temos gravíssimos problemas pela frente. A pandemia não acabou. O vírus continua ceifando vidas e pode piorar. Isso exige observar rigorosamente todos os cuidados. Não é hora de se promover aglomerações.

Os problemas provocados pela pandemia são gigantescos e exigem ações imediatas. Não há espaço para elencar todos. Cito o caso das crianças e jovens que ficaram sem escola por 18 meses e que carregam profundas cicatrizes: terão dificuldade para conseguir trabalho; estarão mais sujeitos à rotatividade;

de; amargarão muito desemprego. Precisamos dobrar os esforços para não perdermos essa geração. Isso demanda estratégia e muito trabalho. Muito mesmo!

A crise energética está aí e vai durar muito tempo. Enganam-se os que veem a falta de chuva como episódica. Ela se agrava a cada ano como reflexo das mudanças climáticas. Os reservatórios de muitas usinas brasileiras ficaram pequenos demais. Temos de acelerar as novas fontes de energia. Isso leva tempo. Mas o primeiro passo tem de ser dado agora.

A nossa infraestrutura está gravemente defasada. Há muitos anos, o país parou de investir nesse campo. Com a escassez de recursos do setor público, é urgente atrair e estimular os investidores privados. Infraestrutura cria muitos empregos. Isso exige um ambiente de confiança, segurança jurídica e de formulação de leis justas que promovam efetivamente o desenvolvimento da economia e do povo.

Temos pela frente um longo desafio no terreno legislativo. Precisamos parar de aprovar leis extrativistas — que enriquecem os grupos da elite à custa da extração de recursos do resto da sociedade. A desigualdade aumenta. O Brasil está repleto dessas leis que levam as nações para o precipício e nunca para o pleno desen-

volvimento (ver Daron Acemoglu e James A. Robinson, *Por que as nações fracassam*, Elsevier-Campos Ed., 2012). Em suma, temos muito o que fazer neste imenso Brasil. Deus nos deu uma natureza farta. Precisamos cultivá-la para continuar a viver dentro dela.

Quando será que vamos aprender a imitar em lugar de digladiar? Com tantos problemas pela frente — a fome se espalha — as nossas energias poderiam ser mais bem aproveitadas. Temo muito pelos desdobramentos deste 7 de setembro. Precisamos de um povo unido pelo amor — e não dividido pelo ódio. O apoio do povo é crucial para a resolução dos problemas que ferem tanta gente.

Confúcio dizia que, para governar, o governante precisa de armamento, alimento e apoio do povo, quando um dos seus discípulos perguntou:

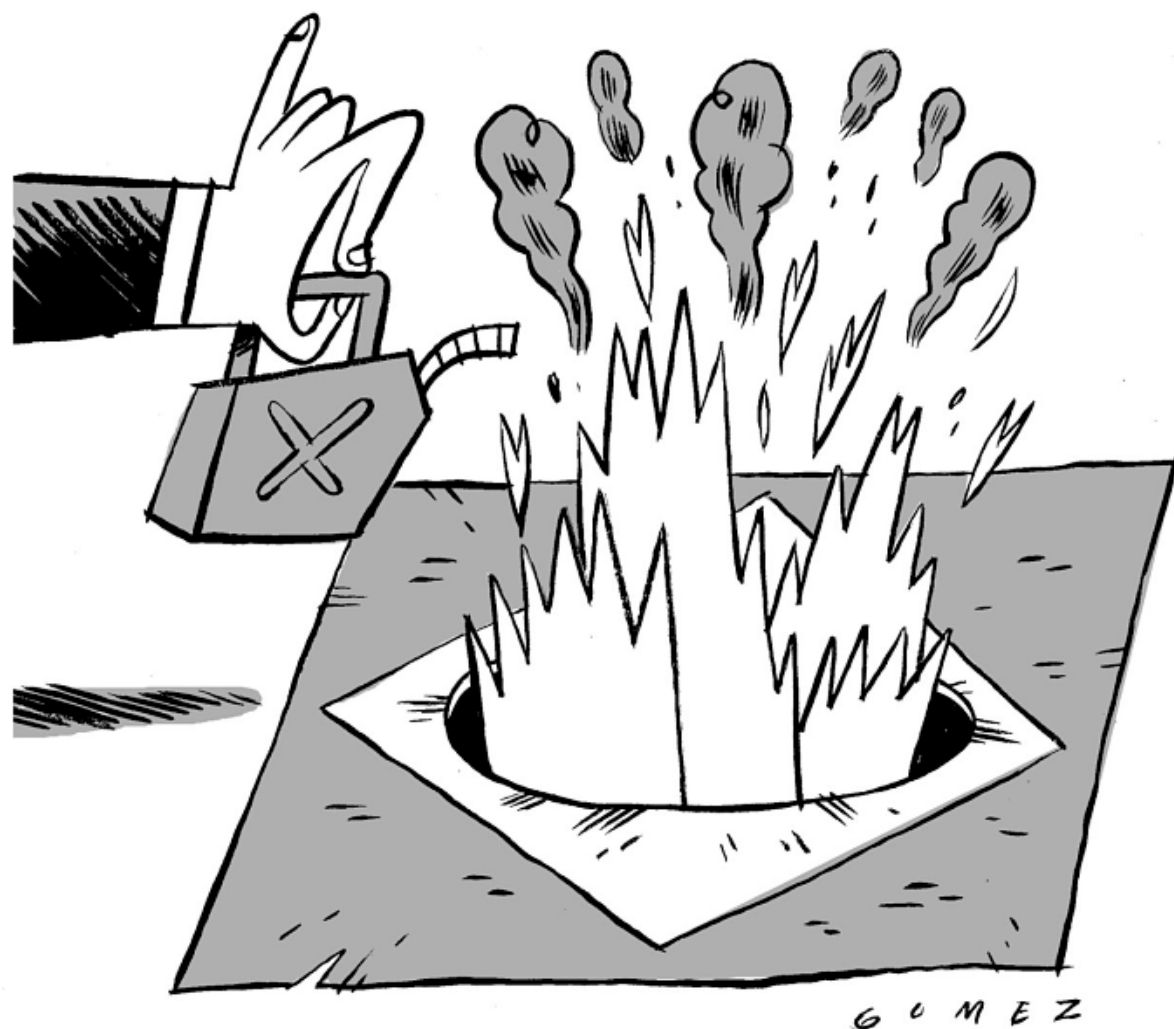
— E se eu não puder dispor dos três. De qual eu devo abrir mão?

— Abra mão do armamento, disse Confúcio.

— E se eu não puder dispor dos dois?

— Abra mão do alimento, porque, sem a confiança do povo, é impossível governar.

Ainda há tempo para cancelar as contendas programadas e concentrar nossas energias nos graves problemas da nação. Oremos.



PTAX, indicador eficaz para o mercado cambial brasileiro?

» ALEXANDRE JORGE CHAIA

» RICARDO HUMBERTO ROCHA

Professores do Inesper — Instituto de Ensino e Pesquisa

O mercado cambial nacional tem passado por reformulações nos últimos anos para integrá-lo ao sistema internacional. O objetivo do Banco Central (Bacen) é tornar o Real uma moeda *tradeable*. A despeito desse nobre esforço, o Bacen mantém amarras ligadas ao período de menor liberdade cambial que geram distorções. A mais importante dessas amarras é a cotação da taxa de câmbio de real por dólar a mericano divulgada pelo Bacen conhecida como Ptax pois essa é a principal referência de preço desse mercado.

Essa taxa é chamada assim por conta da Ptax800, que era uma transação do SisBacen usada para consultar taxas de câmbio. Apesar de a transação ter sido desativada em 2014, o novo sistema manteve o nome Ptax por ser um termo usado pelo mercado. A primeira metodologia de apuração da Ptax foi apresentada pelo Bacen em 28 de junho de 1999, e era a média ponderada das cotações das transações cambiais à vista ocorridas no mercado interbancário. Para publicação, o Bacen decrescia à média em R\$ 0,0004 para definir a Ptax de Compra e acrescia em R\$ 0,0004 para definir a Ptax de venda. Essa metodologia produziu distorções em decorrência de dois pontos.

O primeiro era a artificialidade das cotações pois o spread fixo de R\$ 0,0004 não representava a real dispersão do mercado.

Além disso, esse spread representou 0,023% sobre a cotação da moeda no início da metodologia (\pm R\$ 1,75/US\$) e 0,010% no período de maior valor, às vésperas da primeira eleição do presidente Lula (\pm R\$ 4,00/US\$). O segundo ponto é a existência de operações específicas de importação e exportação da Petrobras, após o horário de mercado e, principalmente, junto ao Banco do Brasil, que distorciam as Ptaxs médias, porque em muitas vezes ocorriam com cotações superiores ou inferiores aos valores máximos e mínimos negociados pelo mercado durante esse dia.

Dado à evolução do mercado de cambial, ocorrido a partir de boom das commodities em 2004, e da maior inserção do Brasil no cenário econômico mundial, o Bacen foi obrigado a reavaliar a metodologia da Ptax. Assim, a partir de julho de 2011, a Ptax passou a ser calculada como média simples das cotações apuradas pelo Bacen junto aos dealers de câmbio em quatro momentos do dia, e a cotação oficial do dia é calculada como a média simples dessas quatro cotações apuradas durante o dia.

Apesar de a metodologia ter passado por processo de aperfeiçoamento, sua utilização continua gerando problemas às instituições financeiras e às corporações. Para avaliar esses problemas, foram calculadas as diferenças percentuais entre a Ptax e as cotações máximas e mínimas de mercado extraídas do sistema de

dados Broadcast. Para ser possível a comparação, dividiu-se os dados em dois grupos. O primeiro correspondente ao período de 1999 até 2011, e o segundo de 2011 até 2021.

De acordo com os dados gerados, 84,23% das cotações máxima e mínima de mercado ficaram dentro do intervalo de até 1% com relação ao valor da Ptax na metodologia antiga e 78,15% na nova metodologia. Contudo, com oscilações entre 1% e 2%, a metodologia antiga apresentou 10,02% enquanto na nova metodologia, ocorreram em 17,79%, o que mostra que, apesar de a nova metodologia ser mais aderente ao mercado os valores da Ptax apresentaram mais erros.

Além disso, a existência de operação fora de mercado distorce a Ptax e coloca em xeque sua credibilidade. No período inteiro a Ptax de Compra foi inferior à cotação mínima do dia em 2,51%, e a Ptax de venda foi superior a cotação máxima em 1,65%. O problema, apesar de diminuir na nova metodologia, continuou existindo, sendo 1,89% na Ptax de compra e 1,37% na Ptax de venda.

Apesar da facilidade do uso da Ptax como dado oficial para o mercado cambial, os problemas apresentados causam erros na sua análise que podem inviabilizar os estudos. Para evitar esse problema, deveria ser criado outras referências para taxa de câmbio de forma a capturar toda a complexidade da economia.

Visto, lido e ouvido

DESDE 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.dfg@dabr.com.br

Esperando o Godot das matemáticas

Continua sendo aguardado, na Esplanada dos Ministérios e no governo, um técnico com bagagem científica e currículo acadêmico suficientes para elaborar uma fórmula matemática capaz de evitar que os aumentos contínuos nos preços dos combustíveis e da energia elétrica não pesem tanto no cálculo de inflação quanto no bolso dos desesperados consumidores brasileiros.

Qualquer um que demonstrar matematicamente a possibilidade de o aumento desses insumos não incidir no cálculo da inflação poderia ser nomeado, instantaneamente, ministro plenipotenciário do Planejamento, com toda pompa e circunstância. Trata-se de conjectura ou de teorema dignos de uma “hipótese de Poincaré”, de difícil solução, mesmo na linha das ciências econômicas, em que o fator humano e suas variantes permitem infinitas outras.

No caso em questão, é sabido, como premissa, que qualquer variação para cima nos preços de combustíveis e energia tem reflexo direto no aumento dos preços finais para o consumidor, pois são bens econômicos necessários ao motor da economia. Num país em que o transporte é unimodal e realizado basicamente por rodovias, o aumento no combustível eleva os preços das mercadorias transportadas. Num país, também, onde a energia elétrica ainda é obtida quase que inteiramente pela força motriz dos rios nas turbinas das hidrelétricas, qualquer variação nas chuvas e no volume das águas fluviais tem efeito direto sobre a produção de energia.

Nos dois casos, o que o nosso esperado e exímio matemático enxerga, logo de saída, é a total dependência desses modelos econômicos na elevação dos preços e da inflação. Na realidade, o que se tem aqui é toda uma sociedade feita refém de um modelo construído para não dar prejuízos ao Estado, mesmo que isso ameace e estrangule o consumidor. O que se sabe ainda é que, no pós-pandemia, a maioria das economias mundiais necessitará de mais petróleo para a retomada de seus projetos de desenvolvimento.

Analistas de mercado são unânimes em apostar na elevação dos preços do barril de petróleo. Por outro lado, é certo também que o aquecimento global, que hoje é uma realidade planetária e praticamente irreversível, projeta uma intensificação do calor e do prolongamento dos períodos de seca.

O Brasil, que anda na contramão desses alertas científicos, permite todo o tipo de crime contra o nosso meio ambiente e ainda incentiva um tipo de agronegócio devastador e sem limites, hoje sofre e continuará sofrendo as consequências dessa incúria.

Desse modo, as variantes do modelo, tanto em relação ao petróleo quanto no caso das hidroelétricas, tornam complexas as resoluções desses teoremas matemáticos e indicam que são um problema de resolução quase impossível, mesmo no caso extremo de congelamento nos preços desses insumos básicos. Resta, portanto, a introdução, nessa fórmula, de alternativas exógenas, mas que, no médio prazo, concorreriam para desvincular, definitivamente, a diminuição do volume de água no leito dos rios e o aumento na demanda de petróleo na variação ascendente dos preços e na formação da inflação.

Essas variantes estão aí para todo mundo, para quem quiser ver, inclusive o governo, que finge não vê-las. Trata-se, por um lado, das energias eólica e solar, e, por outro, da construção de linhas ferroviárias, aliada à produção em massa de transportes movidos a eletricidade. Esse é uma saída, a outra é aguardar a chegada de um técnico em finanças públicas, uma espécie de Godot das matemáticas.

»» A frase que foi pronunciada

“Nosso universo é um mar de energia limpa e sem energia. Está tudo lá fora, esperando que zarpemos.”

Robert Adams

Compras on-line

» Totalmente interativo, o site da Fundação Athos Bulcão é uma ótima oportunidade de adquirir xícaras, calendários, azulejos e outros objetos valorizados pela arte de Bulcão.

Mesma coisa

» Uma mesa na churrascaria São Paulo só com jovens entre 20 e 25 anos. Em pauta, o desemprego. Um dos rapazes formado em administração só conseguiu lugar como corretor de imóveis. Outro, formado em marketing, trabalha em uma gráfica, o caçula da turma fala três línguas, é formado em economia, estuda para concurso.

Conclusão

» Nutricionistas da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil, em parceria com a FAO, concluem que o brasileiro precisa consumir mais frutas e hortaliças. Basta ver os caixas dos supermercados. Sempre há alguma fruta ou hortaliça que não é reconhecida.

»» História de Brasília

Taguatinga está ameaçada de servir à população, água contaminada. É que a água que abastece a cidade é retirada do Córrego do Cortado, e já fizeram loteamento no local da captação.
(Publicada em 08/02/1962).